



## **ESPOROTRICOSE FELINA: ABORDAGEM CLÍNICA, DIAGNÓSTICA E TERAPÊUTICA**

*Celina Sanches e LACERDA<sup>1</sup>; Guilherme Durães Moraes SOARES<sup>1</sup>, Brenda Ribeiro LEITE<sup>1</sup>;*

*Maryane Gomes Marreiros dos SANTOS<sup>1</sup>; João Gabriel Neves VIANA<sup>1</sup>; Vitória Santos*

*GUIMARÃES<sup>1</sup>; Maria Júlia Papin FILADELFO<sup>1</sup>*

*1 – Médico(a) Veterinário(a) Autônomo(a).*

*e-mail do autor principal: [celina.slacerda@gmail.com](mailto:celina.slacerda@gmail.com)*

### **RESUMO**

A esporotricose felina é uma micose subcutânea zoonótica causada por diferentes espécies do gênero *Sporothrix*. O objetivo foi analisar os principais aspectos clínicos, diagnósticos e terapêuticos relacionados à doença, além de discutir os desafios enfrentados para seu manejo no Brasil, especialmente em relação à zoonose emergente. A metodologia baseou-se em uma revisão de literatura, com análise crítica de artigos científicos publicados entre 2013 e 2024, selecionados por sua relevância e atualidade no tema. Os resultados evidenciam que a esporotricose felina tem aumentado sua incidência, com destaque para as regiões Sudeste e Sul do Brasil, onde a transmissão ocorre principalmente por arranhaduras e mordeduras de gatos infectados, que eliminam grande quantidade de fungos pelas lesões cutâneas. Clinicamente, a doença manifesta-se por lesões ulcerativas localizadas ou múltiplas, principalmente na região cefálica, membros e cauda dos felinos, além de sinais respiratórios e sistêmicos inespecíficos que dificultam o diagnóstico precoce. O diagnóstico definitivo depende do isolamento do fungo por cultura micológica, considerado padrão-ouro, complementado por exames citopatológicos e histopatológicos, que possuem limitações. O tratamento apresenta desafios, com o itraconazol como antifúngico de escolha, mas com casos crescentes de resistência e recidiva, demandando terapias prolongadas e alternativas como o iodeto de potássio. A interrupção precoce do tratamento contribui para a persistência e disseminação da doença, agravada pela falta de políticas públicas e desinformação da população. Discute-se a necessidade de estratégias integradas envolvendo controle populacional, educação e acesso ampliado a diagnóstico e terapia. Conclui-se que a esporotricose felina constitui um importante desafio para a

saúde pública, exigindo cooperação entre profissionais da saúde humana e veterinária para seu controle efetivo.

**Palavras-chave:** Micose; sporothrix; zoonose.

## INTRODUÇÃO

A esporotricose é uma micose subcutânea de caráter zoonótico, causada por diferentes espécies do gênero *Sporothrix*, que pode se manifestar como infecção subaguda ou crônica (Silva e Negrini, 2023; Zamboni et al., 2022). Trata-se de uma infecção que acomete predominantemente os tecidos cutâneo/subcutâneo, linfático e respiratório, podendo, em casos mais graves, disseminar-se para outros órgãos tanto em humanos quanto em animais (Tóffoli et al., 2022).

Há pouco tempo, acreditava-se que apenas a espécie *Sporothrix schenckii* era responsável pelas infecções em humanos e animais domésticos. No entanto, estudos recentes demonstraram que essa designação engloba, na verdade, um complexo formado por pelo menos seis espécies com características morfológicas muito semelhantes, porém geneticamente distintas, o que traz novas questões relacionadas à epidemiologia, patogenicidade e sensibilidade de cada espécie aos tratamentos disponíveis (Cruz, 2013).

A infecção ocorre classicamente por ferimentos causados por espinhos, lascas de madeira ou, menos frequentemente, pela inalação de conídios. Entretanto, a principal via de transmissão no Brasil é zoonótica, por meio de arranhaduras e mordeduras de gatos infectados, que eliminam grande quantidade de fungos pelas lesões cutâneas (Tóffoli et al., 2022; Marques e Fischer, 2024). Segundo Cavalcanti et al. (2018), a esporotricose é um problema de saúde pública emergente e negligenciado no Brasil, cuja persistência está associada à falta de programas nacionais de controle, dificuldade no acesso a diagnósticos eficazes e desinformação da população sobre medidas preventivas.

As manifestações clínicas em gatos variam desde uma lesão cutânea localizada até múltiplas lesões ulcerativas que podem evoluir para formas graves e disseminadas, potencialmente fatais. Lesões múltiplas são frequentes na região cefálica, principalmente no nariz e nas patas, locais suscetíveis

devido ao comportamento felino durante brigas (Silva et al., 2024). Sinais extracutâneos, especialmente respiratórios, como espirros, dispneia e secreção nasal, são comuns e indicam possível disseminação do fungo pelo trato respiratório (Gremião et al., 2014). Sinais sistêmicos inespecíficos, como febre, anorexia e letargia, também podem estar presentes (Silva et al., 2024).

O diagnóstico depende essencialmente de exames laboratoriais, pois os sinais clínicos são inespecíficos. O método padrão-ouro é o exame micológico, que envolve o isolamento do fungo em cultura, identificação morfológica e confirmação pela conversão para a fase leveduriforme. Exames citopatológicos e histopatológicos são úteis para o diagnóstico preliminar, embora a histopatologia exija biópsia e a citopatologia utilize impressões das lesões. Resultados negativos nesses testes não excluem a doença (Gremião et al., 2020).

O tratamento da esporotricose felina é desafiador e requer diagnóstico precoce e terapia prolongada. O itraconazol é o antifúngico de escolha, demonstrando boa eficácia isolada, embora casos de resistência e insensibilidade ao medicamento estejam aumentando. A terapia deve ser mantida por pelo menos 30 dias após a cicatrização das lesões, podendo durar de 3 a 6 meses, dependendo da gravidade. O iodeto de potássio é uma alternativa mais econômica, frequentemente usada isoladamente ou em combinação com itraconazol, especialmente em gatos com lesões nasais ou sinais respiratórios e em casos refratários. A interrupção precoce do tratamento, comum após a melhora inicial das lesões, pode levar à recidiva da doença e perpetuar a transmissão do fungo. O acompanhamento veterinário e a adoção de medidas para evitar a transmissão são essenciais para o sucesso do tratamento (Gremião et al., 2020).

Diante disso, este trabalho tem como objetivo apresentar uma revisão abrangente dos principais aspectos clínicos, diagnósticos e terapêuticos relacionados a esporotricose em felinos, com foco nas dificuldades e avanços no manejo dessa doença emergente e zoonótica no Brasil.

## **METODOLOGIA**

Este trabalho apresenta um resumo expandido baseado em estudos de profissionais e acadêmicos da veterinária, utilizando artigos e revistas científicas sobre esporotricose felina no período de 2013 a 2024. Essa revisão de literatura abrange resumo, introdução, metodologia, resultados, discussão e conclusão, garantindo embasamento e coesão ao texto.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

A esporotricose felina tem se consolidado como uma importante zoonose emergente no Brasil, com crescente incidência e impacto na saúde pública. De acordo com dados recentes, a doença tem se expandido de forma preocupante, principalmente nas regiões Sudeste e Sul, afetando tanto animais quanto humanos (Cavalcanti et al., 2018; Tóffoli et al., 2022).

A principal via de transmissão no país é zoonótica, ocorrendo através de arranhaduras e mordeduras de gatos infectados, que eliminam grande quantidade de fungos pelas lesões cutâneas (Tóffoli et al., 2022; Marques e Fischer, 2024). Tal característica diferencia o perfil epidemiológico brasileiro, tornando os felinos o foco central na cadeia de transmissão e exigindo estratégias específicas de controle.

Do ponto de vista clínico, a esporotricose felina apresenta ampla variabilidade de manifestações, desde lesões cutâneas localizadas até formas disseminadas graves. Lesões ulcerativas na região cefálica, membros e cauda são comuns, devido ao comportamento agressivo dos gatos, principalmente em brigas (Silva et al., 2024). Sinais respiratórios como espirros, dispneia e secreção nasal também são frequentes e podem indicar disseminação sistêmica do agente (Gremião et al., 2014). Além disso, sinais inespecíficos como febre, letargia e anorexia agravam o quadro clínico e dificultam o diagnóstico precoce (Silva et al., 2024).

O diagnóstico definitivo depende da confirmação laboratorial, sendo o isolamento do fungo por cultura micológica o método padrão-ouro (Gremião et al., 2020). Técnicas citopatológicas e histopatológicas são úteis para triagem, mas possuem limitações. Resultados falso-negativos são possíveis, especialmente em casos com baixa carga fúngica, o que reforça a importância de uma abordagem diagnóstica múltipla (Cruz, 2013).

O tratamento é um dos principais desafios no manejo da doença. O itraconazol é considerado o antifúngico de escolha, porém casos refratários e relatos de resistência vêm se tornando mais frequentes (Gremião et al., 2020). O iodeto de potássio apresenta-se como alternativa viável, especialmente em animais com comprometimento respiratório. Entretanto, a eficácia do tratamento depende de sua continuidade até pelo menos 30 dias após a cicatrização das lesões, podendo totalizar até seis meses de terapia (Gremião et al., 2020; Silva et al., 2024).

A interrupção precoce do tratamento é comum e está associada à recidiva da doença, o que perpetua a transmissão e dificulta o controle epidemiológico. Além disso, a ausência de políticas públicas voltadas para o controle da esporotricose, aliada à dificuldade de acesso ao diagnóstico e à falta de informação da população, contribuem para a permanência do problema como uma endemia negligenciada (Cavalcanti et al., 2018; Tóffoli et al., 2022).

Portanto, a esporotricose felina representa um desafio não apenas clínico, mas também de saúde pública. São necessárias medidas integradas que envolvam campanhas de conscientização, controle populacional de felinos, treinamento de profissionais da saúde e acesso ampliado ao diagnóstico e tratamento, de modo a reduzir o impacto dessa importante zoonose.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A esporotricose felina é uma zoonose emergente que representa um grave problema de saúde pública no Brasil. A transmissão por meio de gatos infectados, aliada à dificuldade de diagnóstico precoce e ao tratamento prolongado, favorece a disseminação da doença, especialmente em áreas urbanas. O itraconazol é o tratamento mais utilizado, embora casos refratários e recidivas sejam frequentes, reforçando a necessidade de alternativas terapêuticas e do acompanhamento contínuo. A ausência de políticas públicas eficazes, somada à desinformação da população, contribui para a manutenção do ciclo de infecção. Assim, é essencial o papel do médico-veterinário na identificação dos casos, orientação dos tutores e prevenção da transmissão. Medidas educativas, controle populacional de felinos e acesso facilitado a diagnóstico e tratamento são fundamentais para o controle da esporotricose. Conclui-se que uma abordagem integrada entre profissionais da saúde humana e veterinária é indispensável para mitigar os impactos dessa micose negligenciada

### **REFERÊNCIAS**

- CAVALCANTI, E. A. N. L. D.; IGNÁCIO, T. C.; KUNRATH, S. E.; MEINERZ, A. R. M.; FARIAS, R. O.; OSÓRIO, L. G. **Esporotricose: Revisão**. PUBVET, v. 12, n.11, p. 1–5, 2018.
- CRUZ, L. C. H. **Complexo *Sporothrix schenckii*. Revisão de parte da literatura e considerações sobre o diagnóstico e a epidemiologia**. Veterinária e Zootecnia, v. 20, p. 8–28, 2013.

GREMIÃO, I.D.F.; MENEZES, R. C.; SCHUBACH, T. M. P.; FIGUEIREDO, A. B. F.; CAVALCANTI, M. C. H.; PEREIRA, S. A. **Feline sporotrichosis: epidemiological and clinical aspects**. Medical Mycology, v.53, n.1, p. 15-21, 2014.

GREMIÃO, I. D. F.; ROCHA, E. M. S.; MONTENEGRO, H.; CARNEIRO, A. J. B.; XAVIER, M. O.; FARIAS, M. R.; MONTI, F.; MANSHO, W.; PEREIRA, R. H. M. A.; PEREIRA, S. A.; BEZERRA, L.M.L. **Guideline for the management of feline sporotrichosis caused by Sporothrix brasiliensis and literature revision**. Veterinary Microbiology, 2020.

MARQUES, A.C; FISCHER, C.D.B. **Esporotricose em felino**. Ciência Animal, v.34, n.3, p.163-171, 2024.

SILVA, G.L.; NEGRINI, L.K.O. **Esporotricose em felinos domésticos: revisão de literatura**. Revista de Educação Continuada em Medicina Veterinária e Zootecnia do CRMV-SP, v. 21, 2023.

SILVA, I.S.; NASCIMENTO, I.C.; ALMEIDA, I.N.; LIPPELT, L.O.;ALVES, T.M.; SUARÉZ, P.E.N. **Aspectos Clínicos e Terapêuticos da Esporotricose Felina: Revisão de Literatura**. Revistaft, v.28, 2024.

TÓFFOLI, E.L; FERREIRA, F.M.S.; CISI, V.L.; DOMINGUES, L.M. **Esporotricose, um problema de saúde pública: Revisão**. Pubvet, v.16, n.12, p.1-7, 2022.

ZAMBONI, R.; ALBERTI, T.S.; SCHEID, H.V.; CARDOSO, L.S.A.B.; BONEL, J.; RAFFI, M.B.; SALLIS, E.S.V. **Retrospective study of sporotrichosis in stray domestic cats (Felis catus domesticus) in the city of Pelotas, Rio Grande do Sul, Brazil, over a period of 10 years (2012 - 2022)**. Research, Society and Development, vol 11, n.2, 2022.